

Verônica Gomes de Aquino.

QUANDO A GENTE DAS AREIAS CONVERSA COM O “GENTE DAS AREIAS”:
práticas pesqueiras no litoral da cidade de Maricá, RJ.

Orientadora: Ana Claudia Nunes Alves.

Maricá 2023.

Verônica Gomes de Aquino

**QUANDO A GENTE DAS AREIAS CONVERSA COM O “GENTE DAS AREIAS”:
práticas pesqueiras no litoral da cidade de Maricá, RJ.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-Graduação Lato Senso Literatura Memória Cultural e Sociedade do Instituto Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de especialista. Linha de Pesquisa Memória Cultural.

Orientadora: Ana Claudia Nunes Alves.

RESUMO

O presente artigo apresenta parte da pesquisa desenvolvida na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, localizada na Barra de Maricá, local conhecido pelo pseudônimo Divineia. Atuamos com pescadores tradicionais do povoado de Zacarias, Barra de Maricá e Guaratiba, no litoral da Cidade de Maricá- RJ, Brasil. Nosso objetivo neste artigo é apresentar os caminhos da pesca dos pescadores e suas práticas na atualidade. Discutimos através das conversas entre as famílias pesqueiras o que consideram importante documentar para as futuras gerações no litoral da Cidade de Maricá. Apresentamos nosso trajeto etnográfico através das práticas tradicionais pesqueiras, lugares de memória e cotidianos. A pesquisa participante representa o trabalho desenvolvido e os métodos utilizados assim, identificamos a potência metodológica, nos encontros entre pescadores e nas conversas acontecidas no povoado de Zacarias e bairros adjacentes. As conversas trouxeram importantes modos de viver daquela população e a necessidade de conhecer e aprofundar os saberes pesqueiros que corre o risco de desaparecer enquanto movimento identitário cultural. Nos encontros entre três famílias de pescadores e conversas sobre trechos do livro Gente das Areias, desvelamos um universo de histórias narradas por décadas. Pescadores se reconheceram e fortaleceram a memória coletiva em torno das práticas pesqueiras ao encontrar seus lugares de memória nos encontros, conversas e leituras.

Palavras-chave: Pesca artesanal, APA de Maricá, Lugares de Memória

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado, Quando a gente das areias conversa com o “Gente das areias”: práticas pesqueiras no litoral da cidade de Maricá, RJ, é um desdobramento da pesquisa desenvolvida na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, Barra de Maricá- Cidade de Maricá, RJ, Brasil. Nesta escola, nos aproximamos das famílias dos alunos e suas práticas sociais, soubemos assim, um pouco mais das produções da pesca tradicional neste cantinho da cidade de Maricá, iniciando o recolhimento de dados para o desenvolvimento do trabalho.

Nos primeiros cinco anos, participamos das narrativas sobre os caminhos que existiam no lugar, delimitamos como caminhos da escola, da pesca, das festas populares, e das mulheres. Destacamos que imbricado aos caminhos da pesca estão os caminhos das mulheres, pois em todos os processos de pesca estiveram presentes nas ações as mulheres, desce a confecção da rede, cuidados com o pescado, higiene de redes e todo o material, assim como na venda e economia doméstica. Assim, o caminho das mulheres e filhas dos pescadores atravessa todos os outros caminhos.

Objetivamos com este trabalho apresentar os caminhos da pesca tradicional através das memórias dos pescadores e suas famílias na atualidade. Discutimos ainda, através das conversas entre as famílias pesqueiras o que consideram importante documentar para as futuras gerações de Maricá.

Maricá hoje, segundo o censo de 2022, chegou a 197.300 pessoas, o que representa um aumento de 54,87% em comparação ao Censo de 2010. A expansão imobiliária vem trazendo transtornos ao município, que ainda sofre pela falta de políticas públicas, principalmente nas áreas de saneamento e meio ambiente. Os noticiários constantemente registram a mortandade de peixes no sistema lagunar, construções irregulares em áreas de preservação ambiental, loteamentos nas orlas das lagunas, bem como nos bairros de São José do Imbassaí, Parque Nanci, Guaratiba, Araçatiba, Boqueirão e Bambuí.

Essas obras afetaram a laguna da Barra de Maricá, ainda preservada onde a vegetação foi suprimida e a área aterrada neste ano de 2023, estendeu-se por quatro quadras. A justificativa para o aterro e obras seriam as atividades culturais, atendendo as festas juninas da cidade e comemorações do dia da padroeira - Nossa Senhora do Amparo em 15 de agosto. Moradores falam sobre o avanço do aterro, a destruição de ninhos de corujas e outras espécies da fauna e flora e ainda o grande número de pessoas, carros e o som alto dos shows.

Em Maricá, os problemas em relação à exploração imobiliária se agravaram após a inauguração no ano de 1973 da Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), que viabilizou a chegada de muitos turistas, e com eles, a proposta de loteamento das fazendas e pequenos lugarejos, como aconteceu em Zacarias, e Barra de Maricá/Divinéia. Pesquisas desenvolvidas demonstram a ambição existente em relação às casas dos pescadores que habitavam as áreas pela proximidade de praias e lagoa. Furtado (2004) nos conta que,

[...] o loteamento das grandes fazendas e as propriedades dos antigos pescadores foram visadas pelas imobiliárias. Grandes condomínios surgiram nas últimas quatro décadas do século XX. Em torno da Escola estão: Condomínio Barra Europa, Praia das Lagoas, Barra de Zacarias e a Barra de Maricá. ” (FURTADO, 2004, p. 9).

Além dessas áreas citadas por Furtado (2004), a área onde localiza-se a APA de Maricá, criada pelo Decreto Estadual nº 7.230, de 23 de abril de 1984, que inclui as Lagoas de Maricá, da Barra, do Padre, de Guarapina, de Jaconé, Brava, suas margens, a Ilha Cardoso e o Canal da Costa, possuindo ainda uma grande extensão de fauna e flora de restinga, é alvo de empreendedores imobiliários estrangeiros para fins de implantação de um *resort*.

Assim, os pescadores da comunidade de Zacarias pertencem e estão dentro da APA, habitando por séculos o sistema lagunar. Pescar e manter essa forma de trabalho e arte vivas nunca foi fácil, porém, apesar das múltiplas falas da sociedade de que a arte de pescar já não se transmite de pais para filhos, pescadores e suas famílias continuam existindo.

2. METODOLOGIA

Para o andamento da pesquisa e o desenvolvimento etnográfico, que visa a descrição do trabalho de campo em uma prática artesanal, microscópica e detalhista, identificamos, primeiramente ser esta investigação o tipo pesquisa participante, ou seja, pesquisa que desenvolvemos a partir da interação entre pesquisadora e pescadores, moradores do povoado e bairros investigados, a partir do entendimento de meu não pertencimento ao núcleo pesqueiro.

Deste modo, as ferramentas metodológicas usadas foram: caderno de campo, observação participante, textos, fotografias, encontros e conversas. Os encontros e ações, não tiveram um planejamento prévio, os dados nasceram em diversos encontros e conversas. Neste caso não existe a pretensão de resolução de problemas e sim uma pesquisa que aponte a riqueza da produção pesqueira e a grande importância em conhecê-las e transmitir esses conhecimentos às novas gerações.

Junto aos pescadores, vivenciamos conversas e momentos de silêncio, trocamos curiosidades, fizemos perguntas. As memórias revividas foram tomando forma: de ruas, campos, casas, praias, redes e artefatos de pesca e nos entregando imagens e narrativas do presente, do passado e de um futuro possível.

O primeiro passo foi exercitar os sentidos, ouvindo sensivelmente (BARBIER, 1992), o que era dito nas diversas 'conversas' cotidianas, buscando fios iniciais de muitos outros que estariam por vir. 'Conversar', perguntar mais do que sair respondendo, fez e faz parte de nossos modos de conhecer e de dar significado àquilo que conhecíamos e criávamos, a partir das pistas (GINZBURG, 1989) que essas conversas deixavam. O conteúdo da pesca tradicional, com as habilidades do pescador tem movimento, circularidade e vida. Sendo assim, acreditamos que a melhor definição para esses saberes e produções da pesca, seja o de lugar de memória.

Para as conversas, elegemos três famílias pesqueiras por entendermos serem representativas das práticas pesqueiras artesanais da comunidade de Zacarias: A família de Alda, suas filhas e do ex-marido Arino (pescador) a segunda família do pescador Pedro, sua esposa e filha. A terceira família do Ronga, pescador de Zacarias e ativista das causas pesqueiras e ambientais. Essa gente das areias demonstrou seus saberes práticos nos grupos de leitura de pequenos trechos do livro, "Gente das areias" realizados na escola.

Deste modo, elencamos algumas falas e os seus lugares de memória onde exploramos os múltiplos espaços compartilhados entre homens, mulheres e crianças, espaços como: casas, escolas, praças, comércios, posto de saúde, festas de rua, encontros em beiras de lagunas e mar e, ainda, duas aberturas de barra, para a elaboração de dados de pesquisa.

Participando e observando pescadores do povoado de Zacarias, Barra de Maricá e Guaratiba, encontramos em suas práticas tradicionais e cotidianas o desvelamento de conhecimentos, memórias e por último a leitura coletiva ou individual do livro junto as histórias relatadas na etnografia escrita por Mello & Vogel (2004) no livro Gente das areias.

O encontro das famílias com a genealogia e narrativas de algumas de suas práticas e memórias de pesca descritas no livro, despertou um certo empoderamento sobre o território secular e os modos de viver nestes anos de trabalho, sonhos e práticas na *lavoura do pescador*, termo descrito no livro.

Os encontros e conversas como base do trabalho, nos possibilitou a construção do título: Quando a gente das areias conversa com o "Gente das areias": práticas pesqueiras no litoral da cidade de Maricá, RJ.

Através desses encontros e conversas, a fala-olhar, nos trouxe elementos para a compreensão e documentação das principais transformações ocorridas na pescaria entre os bairros Barra de Maricá, Zacarias e Guaratiba que modificaram os modos de viver da população e as culturas das comunidades pesqueiras.

3. QUANDO A PESCA ARTESANAL TECEU A FICÇÃO

No primeiro encontro da pesquisa no ano de 2005 nos reunimos em uma roda de conversa na biblioteca da Escola, o tema escolhido para aquela conversa, foi a gravação da novela, “Fogo sobre terra”, feita no ano de 1974, pela TV Globo. Neste momento demonstraram através das falas que o povoado de Zacarias e os bairros Barra de Maricá e Guaratiba, são lugares de pesca tradicional.

Posterior a esse encontro, levamos um tempo para compreender o quanto aquela conversa sobre a ficção revelava os temas de grande prioridade de nosso trabalho, a pesca tradicional e milenar do litoral da cidade de Maricá. Despertamos então, o interesse em aprofundar e divulgar nossos estudos, por notarmos que a arte da pesca tradicional, assim como os conhecimentos produzidos entre os grupos especificados, corre o risco de desaparecer enquanto movimento identitário cultural.

Junto a isso, notamos ainda, o risco do desaparecimento da APA de Maricá, devido à grande exploração imobiliária, ou seja, o projeto de construção do *resort* Maraey. Como em momentos anteriores, há a possibilidade da saída da população local pelo processo de gentrificação, uma vez que essa comunidade perderia sua identidade cultural, além do prejuízo em sua principal fonte de renda: a pesca.

4. 2010 O ANO QUE NÃO ACABOU PARA A ACCLAPEZ

Ampliando essa discussão, descrevemos que no ano de 2010, Zacarias amanheceu com longas cercas que impediram o ir e vir da população e dos pescadores nos seus caminhos para o mar e lagunas. Descobrimos que se tratava do início das discussões em relação ao mais novo empreendimento da cidade; o resort com seus campos de golfe, marinas e devastação da fauna e flora de restinga. Essa nova ameaça daria início aos diferentes movimentos sociais de proteção a esta área como: o SOS Restinga, o fortalecimento da Associação da ACCLAPEZ¹.

Assim, no ano de 2020, a sede da ACCLAPEZ após muitos anos de trabalho e resistência foi tombada pelo INEPAC através da Lei nº 8.781, de 02 de abril de 2020. Essa lei garante que os interesses históricos e artísticos, estejam garantidos. Com essa garantia a sede pode ser modernizada tecnologicamente e assim, passar por manutenção em sua estrutura interna do prédio. Assim, lei garante ainda que com a

¹ ACCLAPEZ- Associação Comunitária de Cultura e Lazer dos Pescadores de Zacarias.

manutenção da associação, os encontros que continuam a acontecer e junto a eles a “ensinagem” das práticas pesqueiras e sociais.

5. “PRATICAGENS”: PRATICANDO APRENDIZAGENS, BARCOS, LINHAS E CANTOS.

As conversas sobre as práticas cotidianas vivenciadas ou simplesmente observadas se misturam às narrativas dos envolvidos nas tramas – que são os praticantes (CERTEAU, 1994) dos cotidianos.

Durante a pesquisa me deparei com os caminhos da pesca. Certeau (1994), autor que é um grande aliado nas pesquisas junto aos cotidianos, e sua teoria, provoca múltiplos interesses em nossos trabalhos. Junto ao autor, encontro em seu texto outros sentidos, que anteriormente não me traziam tanta euforia, quanto ao momento que indago as práticas pesqueiras.

As práticas da pesca, confecção de redes, identificação de galhos da árvore aroeira para feitura de agulhas e galhos para fincar nas águas da lagoa, ou seja, formas de viver, que nos apresentam a existência de outros modos culturais, que quase sempre são desprezados pelas teorias hegemônicas, estão distantes dos saberes legitimados. Desta forma, evoluir este artigo aos pescadores e a sociedade é uma forma de legitimar e reconhecer seu potencial criador e identitário. Trazemos para nosso texto, então, a discussão de Certeau e Giard (1996) quando dizem que a:

[...] a cultura ordinária oculta uma diversidade fundamental de situações, interesses contextos, sob a repetição aparente dos objetos de que se serve. A “pluralização” nasce do uso ordinário, daquela reserva imensa constituída pelo número e pela multiplicidade das diferenças [...]. Neste sentido, a cultura ordinária é antes de tudo uma “ciência prática do singular”, que toma às avessas nossos hábitos de pensamento onde a racionalidade científica é conhecimento do geral, abstração feita do circunstancial e do acidental (Certeau & Giard, 1996, p.341)

Junto aos diferentes movimentos de resistência pesqueira, buscamos no livro *Gente das areias*, registros sobre pescadores da família de Zacarias sendo ele o pescador Henrique, Poeira, onde identificamos a importância do que significa o patrimônio para a gente das areias, os conhecimentos elaborados como, “[...] a *pesca de galho* referia-se a uma igualmente complexa e, talvez ainda mais intrincada rede de correspondência cosmográficas e cosmológicas”. (MELLO E VOGEL, 2004 p. 36.)

Os encontros entre pescadores aconteciam dentro e fora da sede e nos ranchos. Falavam e teciam redes e rituais de despedida, com o tema da abertura da Barra,

sempre cantado em momentos de ensinamentos “O Tangolomango”², sendo esse um aprendizado inesquecível e fascinante para a etnógrafa.

As memórias apresentadas deste passado, trazem a cantiga que muitos ainda hoje cantam: O Tangolangomango, música folclórica, tradicional cantada por pescadores passadas de geração para geração. No caso de Zacarias, povoado de pesca tradicional, o Tangolangomango seria um homem que matou sua mulher.

O texto musical narrado durante eventos de pesca nos remete ao que Benjamin (1994), nos fala em seu texto O narrador,

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p.198)

Fazer redes se aprende entre histórias e repetições, entre cantos, linhas e agulhas, junto aos nossos referencias teóricos fomos identificando as práticas que estarão descritas abaixo. Procuramos destacar três práticas de pescadores presentes durante o trabalho de campo.

6. CONVERSAS ENTRE BARCOS E MESTRES

Segundo Mello e Vogel (2004) no povoado da Barra de Maricá, viviam pescadores experientes que projetaram os *riscados* para abertura do canal da Barra de Maricá, foram eles os “*riscadores* [...] vizinhos polêmicos e até arrogantes. Os *mestres da barra*”. Atualmente junto aos pescadores pergunto sobre os *mestres riscadores* citados por Mello e Vogel (2004), desejando avançar na pesquisa.

Percebo-me em campo, ou ainda, indo em busca de antigos pescadores, buscando pistas sobre esses homens ‘sem nome’. Uma pista surge muito tempo depois quando identificamos um jovem pescador na família de Alda, descendente de pescadores, atualmente com 80 anos.

No início da pesquisa, desenvolvendo as atividades na escola a professora Vanderleia, filha e neta de pescadores, nos apresentou sua família a mãe Alda, o pai Arino e sua irmã, também professora, Valdeia. Neste núcleo conhecemos também o filho Codilo nascido em outra família de pescador e adotado por Alda e Arino.

² Tangolangomango. Cancão tradicional de Zacarias cantada pelos membros do povoado na ALERJ, na audiência pública coordenada pelo Dep. Paulo Ramos. Marco Antônio Mello, professor de antropologia da UFRJ e da UFF, puxou a cantoria para a celebração desta prática secular. (Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=1484589614916970>).

Figura 1 – Arino, pescador, tecendo rede de pesca.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, ano: 2017.

Figura 2 Codilo/Marco Antônio Moura, novo pescador e mestre de abertura filho adotivo de Arino e Alda.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, ano: 2021.

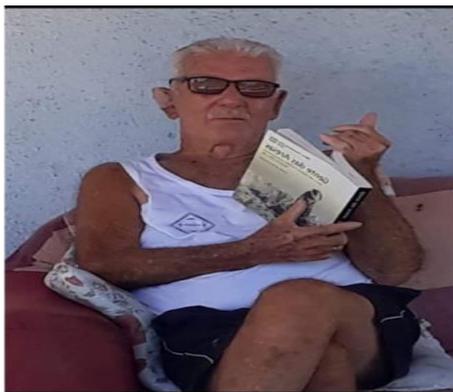
Alda, a mãe adotiva de Codilo e mãe das professoras, foi quem nos falou dos caminhos das mulheres, como cuidavam e vendiam o pescado. Essa mulher tecia redes para o marido, vendia e ainda cuidava da casa. Alda, ao completar 80 anos, nos falou sobre a rede que teceu para Arino antes da separação. Arino no ano de 2021, andando de bicicleta sofreu um AVC e sobreviveu por mais algum tempo. Após seu falecimento, Alda entrega a Codilo a rede pertencente a Arino e tecida por suas talentosas mãos.

Neste encontro de aniversário de 80 anos de Alda, ganhamos de presente da família o relato do aprendizado de Alda sobre as redes, conhecimento transmitido a ela por sua mãe Euvira. Recebemos a foto da matriarca e um convite para registrar a pequena rede centenária tecida por Euvira, mãe de Alda.

7. CONVERSAS POR CIMA DO MURO.

Descrevemos como uma primeira conversa por cima do muro o registro de campo em março do ano de 2020, no início da pandemia, quando o pescador aposentado Pedro Figallo, de 90 anos, sem poder ver o mar e fazer suas tarrafas, opta por concluir a leitura do livro “Gente das areias”. A imagem privilegiada do Pescador lendo o livro foi observada, conversada e fotografada, por cima do muro, respeitando os cuidados da quarentena.

Figuras 3 e 4 – Pescador Pedro, tecendo rede e lendo o “Gente das Areias”.



Arquivo pessoal da autora: Pedro, lendo o livro, foto por cima do muro. Ano: 2019/2020.

Retomamos aos dias dos não saberes da pesca, pois por cinco anos Pedro pouco conversava com a etnógrafa. Reservado e atencioso aos seus afazeres, durante anos o observamos tecendo suas redes.

Figura 5 – Pedro e Neneia, sua esposa, apresentando a rede tecida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, ano: 2019

Assim, antes do período da pandemia, no ano de 2018, conseguimos pela primeira vez, atenção e confiança do pescador, a etnógrafa parou para falar com a esposa do pescador, D^a. Neneia. Chegando a casa de Pedro tecia a rede. Desejamos um bom dia, e neste momento fizemos um elogio a tecer da rede.

No ano de 2021, já acamado em horário noturna hora que minha visita acontecia, Pedro então iniciou a aula durante a conversa. Segurando uma amostra, um pedaço de rede sendo tecida, disse que o importante não eram somente os nós, tinha a linha que antes era de algodão, o chumbo de outro formato e então começou:

- *Você vai fazer uma rede com três dedos? Não vai!*
- *É preciso ter a medida certa, o molde certo para fazer a malha.*
- *De primeiro era um nó só, agora a malha tem que ser feita de dois nós. Antes era a linha de algodão com um só nó, agora é preciso de dois nós porque se não for assim desata.*

Esse é o começo de uma tarrafa de camarão. Apresenta uma redinha começada...

- *Sua Filha Marilza sabe fazer uma tarrafa?*
- *Ela, não sabe. Quem sabe é Neneia.*
- *Para saber fazer uma tarrafa você conta as malhas, aqui 800 malhas. Depois se faz os rufos, 12 malhas de rufos, 13 ou 14 depende do que se quer fazer. Tudo depende do tamanho. Depois é preciso saber quanto de chumbo a tarrafa, se precisa ser mais pesada ou mais leve. Para 800 malhas leva 400 chumbos, isso para chegar no chão. Agora tem o entralho, o entralho para a tarrafa é importante. Você conta quantas malhas tem, se são 400 malhas se faz a conta de dividir para quantos chumbos se leva, mais ou menos, depois se emolda o entralho se de 5 chumbos, entralha cinco malhas, 5 livres e volta para 5 malhas, 5 chumbos, 5 livres. Se quer mais maneira menos peso, se coloca: 5 chumbos, 3 livres e 2 chumbos. O entralho deve ser o chumbo do arraste. O que mata o peixe é o chumbo do arraste. Se a tarrafa não ficar firme o peixe foge. (Pedro Figalo, 91 anos. Outubro de 2021.)*

Pedro sabedor do fazer de redes, tarrafa, agulhas e da arte de pescar na lagoa e no mar, também tinha em sua esposa uma aliada no fazer de redes e grande colaboração para a economia do lar e criação de sua filha Marilza. Cadastrado na secretaria estadual de pesca, com sua carteira de trabalho e de pesca, trabalhou até próximo a sua morte, que aconteceu em 20 de fevereiro de 2021, ainda no período pandêmico. A conversa por cima do muro fortaleceu nossos caminhos metodológicos e nossos saberes sobre a pesca tradicional.

Figura 6 - Pedro, agulhas e redes.



Arquivo pessoal da autora: Pedro, lendo o livro, foto por cima do muro. Ano: 2019.

8. CONVERSAS ENTRE REDES E RESISTÊNCIA

Pescador, nascido em Zacarias, Vilson durante décadas vem buscando junto aos movimentos sociais proteger e cuidar da Lagoa e da restinga, ambas situadas na APA de Maricá. Vilson participou de várias ações como o primeiro vídeo após o anúncio da chegada do grande projeto imobiliário do *Resort Maraey* em 26 de novembro de 2006.

Nestes longos anos de luta, no ano de 2023, novamente após a liberação das obras do Resort, a ampliação da estrada que liga Itaipuaçu a Zacarias e Barra de Maricá, foi suspensa após um mês de muitas ações e solicitações ao Ministério Público do Rio de Janeiro. Assim, no dia 24 de maio mais uma vez após o parecer Nº 64.70023, do Superior Tribunal de Justiça as obras foram suspensas.

No período da ação de tratores, serras e caminhões, estima-se que a supressão de vegetação de restinga e destruição da área por imagem de satélite, foi de 9.000 metros quadrados. Na imagem aérea constata-se em vermelho uma área de 7.900 metros quadrados.

Figura 7 – visão da Restinga após desmatamento.



Fonte: Google ano: 2023.

Nas primeiras falas do pescador sobre proteger a Lavoura nos disse:

No final de 2006, no dia 26 de novembro, nós fomos surpreendidos com placas de leis do estado, município e federal e com a cancela, sem saber o que estava acontecendo fomos procurar o poder público, para nos ajudar e orientar, principalmente os responsáveis pela APA, sobre a Restinga e lagoa.

Porque, nós ficamos sabendo através da imprensa o que estava acontecendo. Soubemos do projeto de resort para a nossa restinga e construção de uma marina de 1000 barcos para a lagoa. Saímos desta reunião muito chocados. [...]

Vilson continua na atualidade junto aos movimentos sociais, universidades e ainda com a presença imprescindível dos representantes da ACLLAPEZ. Nestes meses após o parecer do STJ, foram desenvolvidas na Sede da Associação, eventos artísticos, educativos, observatório de astros (Pescadores de estrela) e Festas, a fim de mobilizar a população local em prol da preservação da restinga, da cultura e identidade pesqueira da região.

Figura: 8 Vilson e Ni, ACCLAPEZ, apresentando o quadro de genealogia anexo do livro Gente das Areias.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, ano: 2021.

Ni, a mulher das areias, pescadora e zeladora do prédio e da cantina, cuidando de sua casa e família, prepara o prédio para recepção das diferentes atividades. Muitas vezes se pensa solitária nas organizações do espaço, porém se mantém firme em seu propósito em defesa de sua ancestralidade e da Restinga. Ni ainda cuida dos livros da pequena biblioteca da ACCLAPEZ. Ni e Vilson na foto, acompanhados pela professora/pesquisadora Elane Carvalho (IFF - Maricá), que fez uma homenagem a ACCLAPEZ com o quadro genealógico ampliado, foi um dia de grande festa. O quadro da genealogia poder ser encontrado exposto no local.

Os três pescadores dedicados a repassar seus saberes, ativos em diferentes áreas, muitas vezes cansados durante os trajetos da vida, permitiram aqui, os relatos de suas histórias para a posteridade e o mais importante, que os saberes da pesca tradicional sejam revisitados sempre.

9. CONCLUSÃO

No presente artigo deixamos a pretensão de encontrar respostas. Nosso objetivo foi trilhar junto aos pescadores e famílias, os caminhos da pesca tradicional e ainda o que esse grupo acharia importante trazer para o texto e documentar para futuros pescadores e moradores desta parte do litoral de Maricá. Para tanto, utilizamos a pesquisa participante como método, onde diversas conversas com pescadores e suas famílias foram documentadas.

Deste modo, encontramos e apresentamos durante o percurso, documentos e vídeos já adormecidos por nossas memórias. Descobrimos ainda, o quanto Pedro e Arino, fazem falta após suas mortes ainda em tempos pandêmicos. Deixamos registrado que mesmo sem esse contato com todos os vivos, suas vozes potentes de luta pela terra, água e ar permanecem.

Reconhecemos a importância e relevância de nossas ações e textos, por isso precisamos também de alguns cuidados sendo eles, físicos, psíquicos e práticos. Os

trajetos de vidas também passaram por algumas mortes bem importantes. Mortes por doenças, idade e ainda por armas, como foi o duplo homicídio existente em Zacarias no ano de 2019. Assim, Benga, pescador do Gente das areias, um dos pescadores com mais idade em Zacarias, também nos deixou neste período. Sabemos que os mais velhos estão deixando suas heranças.

As heranças que nos permitem ter esperança. Heranças patrimoniais imateriais que são muitas, foi pensando assim, que despertamos essa necessidade de trazê-los aqui e compartilhar com todos os que visitarem nosso texto.

Reconhecemos assim, a relevância deste artigo para posteriores pesquisas. A continuidade da produção pesqueira junto as ações da Associação – ACLLAPEZ e movimentos sócias.

Para isso, desejamos o avanço das políticas públicas de proteção a Restinga de Maricá, com a criação do arquivo público dos trabalhos acadêmicos elaborados em diversas Universidades sobre a pesca tradicional e o ecossistema deste litoral.

Pretendemos ainda avançar na prática literária, com a biblioteca constituída na ACLLAPEZ, incentivando a população local a frequência e permanência neste local. Sendo assim, este texto não acaba com as referências abaixo.

Continuaremos por mais alguns anos apesar dos contratemplos, ambições e especulações imobiliárias, as conversas com a Gente das areias e o Gente das areias, conversas que só estão começando, algum dia voltaremos com outras histórias e memórias deste litoral da Zacarias, Barra de Maricá e Guaratiba.

Referências

- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. IN: Reunião Anual, 13., 15-19 out. 1992, Caxambu. [S.l.: s.n.], 1992.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 11ª ed., 2004.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- _____. *A invenção do cotidiano – morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FURTADO, Maria Luisete de Almeida: *Reciclagem na Escola: das ideias à prática*. Monografia- Rio de Janeiro, UNPLI, 2004.

GINZBURG, Carlo: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *Gente das areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro - Maricá, RJ - 1975 a 1995*. Niterói- RJ: EDUFF, 2004.

NORA, P & Aun Khoury T.Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós- Graduados De História, 10. Recuperado de

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

DECRETO de criação da APA de Maricá Nº 7.230 - CONAMA

Entrevista2006 - <https://www.facebook.com/restinga.marica/videos/905805349462069>

Tangolangomango - <https://www.facebook.com/watch/?v=1484589614916970>)